

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Boletim de Alagoas Class.: Wassu 59

Data: 19/04/92 Pg.: _____

Cólera mata índio da tribo Wassu

O Instituto Médico Legal Estácio de Lima continua a receber cadáveres procedentes do Hospital de Doenças Tropicais e da Unidade de Emergência Armando Lages com história de sintomas que indicam cólera.

No último dia 15, deu entrada no IML o corpo de Antônio Domicio da Silva, de 29 anos, encaminhado pelo HDT. Consta nos registros do instituto que ele é natural do Posto Indígena Cocal, no município de Joaquim Gomes.

O outro cadáver é de José Zito Lemos da Silva, 35, cuja família mora no Conjunto São Sebastião, também em Joaquim Gomes. A procedência do corpo é da Unidade de Emergência Armando Lages.

Ambos têm em seu pré-diagnóstico cólera como *causa-mortis*. O diretor do IML, médico Barroso, assegurou na semana passada que através de portaria determinou aos médicos plantonistas a realização do exame Swab-Retal em todos os cadáveres que chegassem ao instituto com suspeita de cólera.

Resta saber se o exame foi feito e, no caso de o laudo ser positivo, qual a providência que a Secretaria de Saúde vai tomar para que a doença não vitime mais pessoas na região do município de Joaquim Gomes, principalmente em relação ao índios da tribo Wassu-Cocal, pois um dos cadáveres é daquela área.

Saúde em plantão permanente

A Secretaria de Saúde está mantendo um plantão permanente desde a última quinta-feira em sua sede para a tomada de decisões sobre os problemas que envolvem a epidemia de cólera e as enchentes nos municípios mais atingidos em todo o Estado.

A assistente-social Marly Grangeiro de França, que respondia ontem pelo plantão na fúsal, informou que "além do plantão aqui no prédio-sede, a mesma orientação está sendo seguida pelos três miniprontos-socorros do Tabuleiro, Jacintinho e da Chã de Jaqueira".

Sobre os hospitais que fazem o atendimento a pacientes com sintomas de cólera, Marly França disse que está normal. "O Hospital de Doenças Tropicais, a Unidade de Emergência Armando Lages e o Hospital José Carneiro continuam a receber, independentemente de o paciente apresentar sintomas de cólera ou de outras patologias, durante todo o período do feriadão, que acaba nesta terça-feira", acrescentou.

Sobre as ações da Secretaria de Saúde para os flagelados da enchente no município de Santana do Mundaú, Marly França informou que ontem pela manhã liberou dois carros com alimentos para aquele município. E concluiu: "o ideal seria que a camionete levasse a carga, mas infelizmente fomos informados de que apenas carros pequenos estão conseguindo chegar lá".



Roberto Fernandes acha que a divulgação é falha

Setor turístico sofre com divulgação da doença

A cólera, que já infectou quase duas centenas de pessoas em Alagoas, começa a deixar o seu rastro desastroso não apenas na área de saúde, mas, também, para a economia alagoana, em especial o setor turístico - uma das maiores fontes econômicas do Estado. Muitas reservas feitas nos hotéis para curtir o feriadão e diversos "pacotes" de estadia em Maceió, foram cancelados por conta do medo de contaminação da doença, como reconheceu o presidente do Sindicato dos Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares, Roberto Fernandes.

A ameaça de propagação da cólera, aliás, está tirando o sossego de muitos donos de bares e restaurantes, que viram aos poucos sua principal clientela - os turistas - sumir repentinamente. Roberto Fernandes diz que falta divulgação e um trabalho de prevenção da doença, e que, por conta disso, está agora ocorrendo a fuga dos turistas. A situação se agrava, em sua opinião, por ter abrangência além das fronteiras alagoanas, atingindo também outros Estados nordestinos onde também há casos de cólera.

"Não estou dizendo que não deveria ter sido divulgada a chegada da doença. Ao contrário, acho que nós devemos aprender a conviver com essas epidemias. Mas da forma como ela foi divulgada deu margem para que fosse criado um estado de pânico na população. O turismo nordestino foi quase aniquilado com as interdições de praias e rios, feitas de forma tão precipitada que provocou uma queda na vinda de turistas para todos os Estados do Nordeste".

Fernandes citou o exemplo das praias de Recife que chegaram a ser interditadas por orientação inclusive de sanitaristas: "mesmo depois que voltaram a ser liberadas e foi feita toda a divulgação de que não havia mais

perigo de frequentá-las, as pessoas já estavam amedrontadas e o quadro não foi revertido".

Em Maceió, apesar de não ter havido interdições de praias, sente-se que indiretamente o setor turístico foi atingido pelas medidas precipitadas tomadas em Recife, e a consequência é a crise. "Não só os donos de hotéis - disse Fernandes - estão passando por um momento difícil. Os proprietários de barracas da orla marítima reclamam que o movimento caiu bastante. Até restaurantes tradicionais sentiram o reflexo negativo da doença. Um exemplo disso é o Bar das Ostras, com 45 anos de existência, que vai fechar um dos seus estabelecimentos - localizado na beira da lagoa Mundaú no Vergel, devido a fuga dos clientes por causa do cólera".

REAÇÃO - Para reagir a queda no setor turístico - que vive agora a temporada do baixa estação - o presidente do Sindicato dos Hotéis e Restaurantes vem viajando a diversos Estados para apresentar o que há de melhor em nosso Estado. "Estivemos em Santos, São José dos Campos e Curitiba levando comidas típicas da terra, como o sururu, o camarão e a ostra para mostrar que respeitando as normas de higiene e com alimentos bem cozidos não existe o perigo de contaminação pelo vírus colérico. Nos próximos meses estaremos visitando outras cidades".

Fernandes elogiou a iniciativa da Federação dos Pescadores em realizar um jantar a base de frutos do mar, reunindo deputados, secretários de estado e jornalistas para mostrar que não existem riscos no consumo do pescado. "Acho que é a hora de todos se mobilizarem e as autoridades tomarem conhecimento da realidade, para os reflexos dessa doença não sejam mais desastrosos do que já está sendo apresentado", finalizou Fernandes.



Gilberto Farias

Barros: análise para diagnosticar causa-mortis

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: _____

Class.: _____

Data: _____

Pg.: _____

IML agora faz exames para diagnosticar morte por cólera

O diretor do Instituto Médico Legal Estácio de Lima, médico legista e anatomopatologista José Bastos Barroso, informou ontem sobre a portaria, assinada por ele, determinando a realização do exame através do Cultureswab em todos os cadáveres que apresentem uma história de sintomas indicativos de cólera.

Segundo o médico Barroso, a medida visa contribuir para o trabalho de controle da cólera que é desenvolvido em todo o Estado envolvendo os órgãos de saúde. E explicou: "o exame, a partir do primeiro caso de óbito consequente da cólera no Estado, era feito como rotina de trabalho, mas não vinha acontecendo de forma sistemática. Nós detectamos isso e, a partir desta portaria, todos os cadáveres que cheguem aqui apresentando história de diarreia e desidratação em graus elevados, que são sinais indicativos da cólera, serão submetidos ao exame".

Os exames de todos os cadáveres são, posteriormente, enviados ao Laboratório Central, e lá será procedida a análise sobre a presença ou não do vibrião colérico no material colhido. Foi através desse procedimento do pessoal do IML que o Lacen constatou alguns

dos quatro óbitos causados pela cólera.

Sobre a não realização do exame em dois dos três cadáveres de bebês que deram entrada no IML no último dia 11, um de nove e outro de cinco meses, o médico Barroso argumentou: "esses dois casos, infelizmente, chegaram aqui num final de semana, exatamente num sábado, e o pessoal ainda não estava totalmente mobilizado para a questão e resultou em não ter colhido o material. Mas essa portaria foi necessária para também prever esses casos".

Mais um - Lheu entrada ontem no IML, foi um cadáver de um bebê de um ano, com sintomas suspeitos de cólera. José Natanael da Silva, cuja família mora na Travessa Israel, 11, no bairro do Citina Bom II. O diretor do IML, disse que ele mesmo determinou a coleta do exame. "A criança tinha uma história característica de cólera, ou seja, a família disse que antes de morrer ela teve forte diarreia, vômitos, febre, sintomas que, até que se prove o contrário, entendemos como da cólera. E só o Laboratório Central, através da análise que lhe enviamos, é que poderá dar o diagnóstico", concluiu.

CRM ainda não concluiu apuração de negligência

O médico Antônio de Pádua, presidente do Conselho Regional de Medicina (CRM), disse, ontem, que os processos que apuram negligência médica em vários hospitais estão em ritmo lento. Ele explicou que os procedimentos nesses casos são semelhantes a um processo jurídico comum, e calculou em seis meses o prazo para algum resultado.

Ele não revelou o nome do responsável pelas investiga-

Foto Gilberto Farias



Pádua: só em seis meses

ções, porque acha que pode haver pressão externa. As denúncias de erro médico, e negligência motivou a abertura desse processo, e segundo o presidente do CRM, é possível que o número de profissionais envolvidos seja grande. Ele evitou citar quantos médicos já foram ouvidos.

As denúncias continuam, e apesar das promessas do presidente Paulo Pádua, poucas pessoas acreditam que os médicos apontados como negligentes sejam punidos. Os casos mais comuns são de objetos, como gases, agulhas e pequenos instrumentos, deixados dentro de pacientes, que sofreram intervenção cirúrgica. O responsável pelos erros não são apontados publicamente até o final das investigações, pois isso poderia prejudicá-lo antes que seja decretada ou não a culpabilidade.

O médico Paulo Pádua, garantiu que os médicos que forem julgados pelo Conselho Regional de Medicina, culpados terão sua licença cassada, e não poderão mais exercer a profissão. Em Alagoas são raros os casos de expulsão por negligência médica, entretanto o número de pacientes que reclamam de erros tem crescido. Os profissionais atribuem isso às campanhas negativas divulgadas pela imprensa.